A escuridão encobria tudo naquela noite sem estrelas ou lua ,onde o horizonte era praticamente invisível aos olhos. Aquilo sempre acontecerá na mesma data 2 de Novembro, este era o dia em que as estrelas se apagavam e tanto o sol quanto a lua deixavam a terra à mercê das sombras. Nesse dia as plantas começavam a murchar, a maré subia de uma forma descontrolada encobrindo cidades inteiras em poucas horas e um frio excruciante invadia todas as casas, causando na maioria das vezes um inverno prolongado.

Mas esse não era o principal problema, sempre que a grande noite caia sobre a terra algo a mais vinha com ela os ser chamados de espectros. Monstros de sombra e escuridão que imitavam aquilo que os rodeavam , não eram homens ou animais ,eram apenas ecos daqueles que a muito se foram.

“Aquele dia de todos os outros era perfeito para um roubo lucrativo” – fora o que Charlie e sua pequena gangue de rua pensaram antes de começarem a planejar o roubo desta noite alguns meses atrás. O plano era simples invadir a mansão do senhor da cidade Salazar Varim e roubar do cofre seu principal cofre, onde se encontravam as maiores riquezas da cidade. Levaram semanas antes de conseguirem tudo que precisavam, semanas procurando plantas do prédio em arquivos, semanas procurando um fornecedor de armas que não os dedurassem na primeira oportunidade possível e semanas para encontrar o bode expiatório perfeito, que agora estava ao seu lado de capa preta e encolhido nas sombras.

Estavam esperando ao lado do muro que dava na entrada principal da mansão , dois portões de aço finamente adoentados em tons vibrantes de azul e dourado , uma bela visão em um dia claro e ensolarado, mas agora apenas uma figura retorcida e assombrosa .Havia dois guardas a frente do portão, dois homens de face fechado e olhos atentos para tudo a sua volta , não portavam nada, além de duas lanças de ponta afiada armas rústicas, mas que nas mãos de homens preparados podiam ser letais.

“Estava quase chegando a hora” – pensou Charlie enquanto um cheiro acre de fumaça começava a se espalhar e paços começavam a ser perceptíveis na esquina a frente. Neste momento como por magica uma chama irrompeu pela rua segando o mundo a sua volta com uma luz dourada. Ela se moveu em direção ao portão furiosa e rápida, os paços ainda ecoavam mais agora mais pessoas pareciam se aproximar. Paços sempre iguais com mesmo intervalo de tempo, quase como se um grande exercício se aproximasse.

Os guardas se sobre saltaram com a aproximação da grande chama , mas isso não era o que os preocupava, ao longe atrás de toda a extensão da rua era possível ver formas humanoides correndo ao redor do fogo ,uma turba de espectros. Os homens se posicionaram com lança apontadas para a chama que se encontrava a poucos metros deles.

- Quem quer que você seja apague essa chama agora, se não seremos obrigado a apagá-la a força – Disseram os homens irritados, prontos para se lançar em direção a chama e apagá-la.

De repente os paços sessaram e a chama ficou parada a uns poucos metros dos guardas, nesse breve insta-te foi possível ver uma silhueta que parecia carregar uma grande tocha. Mas foram apenas alguns segundos, antes que a pessoa arremesse a tocha em direção aos guardas, que ficaram em choque enquanto notavam que os espectros prosseguiam ensandecidas em direção ao único foco de luz presente em quilômetros.

- Agora – Disse Charlie, não mais que um sussurro ,mas suficientemente alto para que o rapaz magro ao seu lado ouvisse.

Eles apertaram seus capuzes ao corpo se mascarando cada vez mais na escuridão preparando para o que estava por vir. De repente um grito intenso irrompeu de um dos guardas, enquanto seu braço direito era chamuscado pela tocha, o som foi baixo nada mais que um grito abafado. Porém os minutos que se seguiram foram tomados por uma enxurrada de mil vozes que replicavam esse som, durante os quais formas distorcidas avançaram em direção aos guardas, tentando em vão alcançar a chama que nunca poderiam se quer tocar. Como mariposas na luz aquelas pobres almas nunca alcançariam seu prêmio.

O portão se rompeu com a queda dos guardas e das centenas de espectros, com um baque surdo. Neste momento Charlie e seu pequeno companheiro correram o mais rápido possível atravessando o portão e finalmente chegando um pouco mais perto do seu objetivo.

Seguiram para esquerda, enquanto tentavam se manter imperceptíveis ao adentrar nas mais profundas sombras do lugar. Rumaram em direção ao jardim oeste onde havia uma pequena entrada, geralmente desprotegida, que poderia aproveitar. Enquanto corriam o pequeno garoto esquelético de nome Edward olhou em volta contemplando o pandemônio que os cercava: homens de uniforme correndo em direção ao portão derrubado, espectros em volta do fogo, que de alguma forma começará a queimar uma pequena árvore próxima a entrada e começava a crescer.

- Como me sai, chefe? – disse uma voz sedosa, que fez Edward pular para o lado, sem emitir som algum. Era Elisa a ruiva de olhos claros e a garota mais baixa que Charlie conhecia, além de seu braço direito no grupo e a pequena causa daquele caos.

- Você foi muito bem, melhor do que o esperado – Disse Charlie parecendo achar a pergunta engraçada.

- Que bom – Disse ela zombando, enquanto continuava a correr e um pequeno sorriso de canto podia ser visto em seu rosto.

O jardim oeste estava próximo e com isso era possível ver as flores despontando no horizonte. Eram belas mesmo no breu que os cercavam e pareciam brilhar em um azul calmante ,que de forma irônica marcava a entrada deles.

Chegando ao jardim oeste se encontraram em um pátio esculpido em um mármore branco totalmente a céu aberto, cercados pelas pequenas flores brilhantes que agora pareciam começar a brilhar em um vermelho quase sangrento.

Finalmente encontraram a sua única entrada possível: um vitral. Feito de um vidro multicolorido podia ser notado que parecia destoar do ambiente, não por suas cores mais sim seus elementos e principalmente a figura representada ali.

O vitral representava as Deidades do Sul, que a muito tempo foram depostas e desmentidas em Landor. Nele eram possível ver três figurinhas estranhas em cenários distintos. A figura da direita representava uma águia gigante voando por uma tempestade, cortando os ventos com suas asas com uma face imponente e poderosa. A da esquerda representava um leão rugindo em meio a selva, circundando de diversos outros animais que pareciam se curvar diante de sua irá e poder. A do meio e a mais estranha das três representava uma bela mulher de pele pálida e cabelos dourados como o ouro sentada em um trono adornado com milhares de rosas, ela parecia reinar em seu trono de espinhos e julgar Charlie a cada momento que acabava fitando seus olhos.

Apesar do choque inicial, Charlie se aproximou aos poucos do vitral, escalando aos poucos a pequena altura que ele estava do chão e por fim constatou se a pequena obra de arte estava trancada. “Como esperado, não seria tão fácil assim” pensou ele enquanto começava a se preparar para quebrar o vidro. Enfaixou sua mão em uma camada densa do pando de seu manto e moveu com lentidão e receio o braço, enquanto seu coração disparava. Ele tentava se acalmar pensado que o caos que os envolvia mascararia o som do vidro estilhaçando, mas isso não o reconfortava.

De repente uma mão agarrou suas costas e por um momento ele quase se jogou do parapeito pensado que um dos guardas finamente os havia encontrado, mas no lugar de uma figura grande e encorpada encontrou apenas a figura esquelética de Edward.

- Não quebre o vidro – Disse ele com uma voz rouca e com um toque de alegria, como se tudo a sua volta, incluído a grande chance de morte, o divertisse imensamente.

- Tem alguma ideia melhor? – Perguntou Charlie com um misto de raiva e medo desesperador.

A única resposta de Edward foi pegar um pequeno canivete dobrável que tinha guardado com sigo e encarar o vitral como se procurasse algo. Passado algum tempo levantou-se e foi em direção a figura da direita, pegou o canivete com mão firme e perfurou uma das extremidades da parede. Parecia forçar a pequena lâmina enquanto tentava encontrar algo naquele lugar, após alguns segundos foi possível ouvir o som de metal contra metal e repentinamente o vitral se dobrou para a esquerda revelando o interior da torre oeste.

- “Mas o quê?” - pensou Charlie chocado com sigo mesmo - “Como aquele garoto frágil e lerdo consegui fazer algo assim?”- pensou ele ,enquanto se lembrava do seu primeiro encontro com o garoto duas três semanas atrás em uma sarjeta perto de sua base mal nutrido e com um olhar vazio que se atiçou ao ver o saco de moedas que ele levava consigo.

A sala era estreita e empoeirada, com um ar pesado e suntuoso como se o lugar estivesse fechado havia décadas. Edward foi o primeiro a entrar na sala sem qualquer tipo de hesitação, enquanto ostentava nos lábios um pequeno sorriso que parecia ser de satisfação. Elisa foi o próxima a entrar seguida por um Charlie ainda um pouco chocado e tanto nervoso . Passado o choque e enquanto a raiva ainda se remoía em seu peito ele finalmente notou seus arredores: um sala estreita e empoeirada estava cheia de armas, espadas, lanças e principalmente arcos dispostos de suportes feitos de madeira que parecia tomar um tom esverdeado devido ao tempo em que fora privado de ar e sem uma limpeza adequada.

“ Isso é tão antiquado” pensou Charlie enquanto pegava um arco em mãos que parecia começar a se desfazer ao menor toque, isso só reafirmou o que pensava “os tempos então ruins para todos, mesmo que seja pacifico”.

De repente o silêncio da sala foi rompido pelo som de um sino tocando “Faltam três horas para o amanhecer” pensou Charlie.

- Temos que nos apressar ou vamos ficar sem tempo – disse ele receoso, procurando de forma desesperada pela porta da pequena sala.

Após alguns instantes de procura encontraram a porta da sala, desgastada e envelhecida parecendo que ao mínimo toque se soltaria das dobradiças. Charlie tentou a maçaneta e a porta se abriu revelando um corredor iluminado por pequenas luzes artificiais pressas as paredes. O corredor apesar de pouco mobiliado esbanjava riquezas de formas simples mais belas, estava enfeitado com tapeçarias retratando cenas épicas de batalhas a muito lembradas, alguns pequenos móveis entalhados em boa madeira e bastante conservados, mas o principal destaque do lugar era um tapete que poderia pertencer a um rei e se encontrava até onde a vista podia enxergar.

- Que lindo – Disse Elisa correndo rapidamente ao lado de Charlie, a sala passando de forma rápida ao seu redor mais ainda atraindo-a de forma aterradora- Olha pra essa luz mágica que linda – completou ela olhando para as pequenas luzinhas pressas a parede.

- Isso não é magia só são lâmpadas elétricas – Disse Edward passando a frente dela, tentando acompanhar o ritmo acelerado de Charlie.

- Calem a boca os dois e andem logo, isso não importa agora – Disse ele de forma cáustica, enquanto olhava para todos os lados em busca de algum ponto de referência ou qualquer ser em meio aquele lugar – Só coram e tentem encontrar o salão de jantar é o nosso único ponto de referência.

Eles correram pelos corredores labirínticos do lugar, se perdendo por alguma corredores e na beleza do lugar , mas sempre seguindo para o leste para a sala de jantar daquela mansão deturpada e caótica, enquanto as chamas e os sons de lâminas e tiros parecia consumir tudo fora daquelas paredes.

- você achou mesmo que poderia me usar como fantoche tão facilmente? – perguntou Edward, da soleira da porta.

- Do que você está falando? Pare de enrolar e faça o que eu mandei!! – gritou Charlie cansado daquele garoto e se preparando para ataca-lo caso fosse necessário.

- Para quê ? Ser preso ou servir de isca da sua fuga ridícula não faz o meu tipo – Disse ele em uma voz doce e calma – apesar de ter de lhe dar o crédito por esse plano, não foi tão ruim quanto poderia ser.